

MURILO MENDES - A AMIZADE E O MUNDO

Terezinha Maria Scher Pereira
UFJF

A associação entre Murilo Mendes e o surrealismo sempre que é evocada provoca necessidade de explicação. Alguns críticos como José Guilherme Merquior observaram que a adesão do poeta ao movimento surrealista se fez mais pelo sentido utópico- revolucionário dessa vanguarda do que pela técnicas de composição da escrita automática. Merquior nota mesmo que a poesia muriliana é avessa ao escapismo (o vou-me-emborismo, a "poesia de partida") que Mario de Andrade encontra no ethos modernista. Haveria em Murilo um desejo, um "impulso de estar no mundo"¹

Vamos, neste trabalho, conjugar esse imperativo querer "estar no mundo" com o problema da amizade como elemento estratégico fundamental na vida e na obra de Murilo Mendes.

Em trabalho anterior levantamos a hipótese de que há, no último Murilo Mendes, uma proposta que chamamos *philia*: uma espécie de apelo afetivo com o qual o poeta congregaria autores, amigos, artistas, personagens de sua infância, etc. para comporem uma assembléia que é permanentemente referida pelo escritor. Seus livros-coleções, como *Retratos-relâmpago*, *Janelas Verdes*, *A idade do Serrote* estão repletos de referências afetuosas e de admiração intelectual, como se o poeta estivesse construindo uma fratria como forma de resistência e de libertação. A valorização da amizade se daria tanto no nível estético, na medida em que funcionaria como motivo de organização da poética, quanto no nível pessoal. Murilo colecionaria amigos assim como essa parte de sua obra colecionaria “personagens”.

¹ MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Vol. Único. Org. Luciana S. Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.13

Na presente comunicação visamos a problematizar a questão da amizade em Murilo Mendes que se nos apresentava como fator positivo de organização da economia construtiva de vida e obra. Pretendemos doravante cotejar a estratégia da amizade com o desejo político adivinhado no estar no mundo muriliano. Político está na acepção de voltado para o mundo, para o espaço público, como defendia Hanna Arendt, citada por Francisco Ortega: "o ponto central de toda a política é a preocupação com o mundo." ²

As escolhas de Murilo são reveladoras da variedade de seu interesse intelectual. Dos trágicos gregos aos pintores abstratos, abrangendo, ainda, Pascal, Vico, Mozart, dodecafonismo, toda essa gama de temas faz Merquior afirmar que "a poesia muriliana encerra toda uma vasta crítica de formas e idéias - uma perene lição de cultura como auto-cultivo, por isso mesmo de sumo valor pedagógico." (MENDES, 1994 : 18)

"Valor pedagógico", num sentido mais amplo dos termos, torna-se um ponto sobre o qual convém refletir aqui. Murilo em entrevistas e depoimentos manifestou algumas vezes um interesse especial pela divulgação da poesia modernista, sempre com o objetivo pedagógico. Pensava ainda que os próprios poetas podiam contribuir para a efetivação dessa idéia. Acreditava que as novas gerações de leitores só tinham a ganhar com essa prática que concebia como uma prática política, no sentido arendtiano e orteguiano mencionado antes, de abertura para o mundo:

Em geral não gosto de fazer prognósticos, mas a julgar pelo rumo que vai tomando o mundo, creio que a poesia do futuro terá um caráter místico e também social, coletivo, comunitário. Deverá trazer aos homens uma palavra de esperança, de consolo, e deverá ser educativa no mais alto sentido do termo, celebrando os sofrimentos, as misérias e grandezas do homem e a perenidade de Deus. ³

² ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000. p.30

³ *Murilo Mendes*: 1901- 2001. Org. Júlio Castañon Guimarães. Juiz de Fora: CEMM/ UFJF, 2001 p. 104.

Ainda na mesma entrevista, temos a exemplificação do interesse pedagógico do poeta, entenda-se o termo no seu aspecto amplo de cultivar-se a si mesmo através de uma prática de divulgação da cultura segundo certos princípios de vida. Quanto às dificuldades percebidas no ensino da literatura, principalmente da literatura moderna, o poeta atribui o fato,

...em parte, à estrutura antiquada do regime capitalista em que vivemos e em parte à displicência e ao desinteresse da maioria dos artistas em iniciarem o leitor comum na compreensão da arte moderna. A esse respeito, penso que a ação pessoal, doutrinária, de explicação de cada um é muito necessária. E a verdade é que os artistas modernos - poetas, músicos, pintores, arquitetos - de um modo geral se têm descuidado disso. (MENDES, 2001:105)

Este é o Murilo Mendes, cuja classificação unicamente como poeta surrealista Merquior problematiza muito adequadamente. O poeta de *As metamorfoses* já atualiza a correlação surrealismo/ libertarismo de que fala o crítico e sugere a aproximação entre subjetividade e mundo. É o que se vê no poema "O rito geral"

Guardião dos sonhos, levantei a aurora,/Advertindo os homens do trabalho inútil./Tangia os sinos do universo-igreja,/ Convocando formas e elementos/ Para o ofício geral da poesia. (...)
Eu dialoguei com eles,/Aprendi a história de todos/E todos aprenderam minha história/Que levaram para o outro lado da terra, Para o fundo do mar e o céu. *Mundo público,/Eu te conservo pela poesia pessoal* (O rito geral)

Em "A marcha da história", observem-se os seguintes versos:

*Eu me encontrei no marco do horizonte? Onde as nuvens falam, Onde os sonhos têm mãos e pés
(...) Onde o homem e a mulher são um, / Onde as espadas e granadas/ Transformam-se em charruas,/ E
onde se fundem verbo e ação.*

O que podemos ver nas entrevistas, na crítica de Merquior e nos poemas de Murilo, principalmente nos citados, é que tudo nesse poeta parece estar na contramão daquilo que Arendt, Michel Foucault, Norbert Elias chamaram consensualmente de processo de despolitização e de privatização entendido também como des-mundianização. (ORTEGA, 2000 : 103)

Em Murilo, o mundo não se perde e sua manutenção é uma atividade de invenção que pode ser entendida na acepção de *acontecimento* formulada por Francisco Ortega a partir da sua leitura de Hanna Arendt, conjugada a de outros pensadores, como Foucault, Deleuze e Derrida, entre outros. Nesse sentido, o *acontecimento* interromperia os automatismos da vida, introduzindo o acaso, a novidade, a diferença, "a vontade de jogo e de experimentação com formas de pensamento e de sociabilidade." (ORTEGA, 2000 : 34)

Amizade, surrealismo e a manutenção do mundo

Luciana Stegagno Picchio e Maria da Saudade Cortesão Mendes, respectivamente amiga e mulher do autor, em muitos depoimentos e entrevistas fazem questão de se referir ao círculo intelectual de Murilo em Roma e à sua prática constante da amizade. Elas próprias se vêem como personagens na história desse convívio e destacam seu papel de companheiras intelectuais de Murilo, sem descuidar, é claro, dos vínculos íntimos que uniam cada uma a ele. Luciana destaca:

Desde cedo, [em Roma] Murilo, poeta e amigo de pintores,(...) foi requerido por eles para apresentação de catálogos: eram plaquetes preciosas, de bela grafia e com normalmente a reprodução na capa de um quadro (...) Frequentavam a casa de Murilo quase todos os pintores presentes a Roma na época, Dorazio, Perilli, Accardi, Corpora, Turcato..(..) E nas paredes da casa de Murilo e Saudade começaram a aparecer aqueles quadros e aquelas gravuras que agora são patrimônio de Centro de Estudos Murilo Mendes de Juiz de Fora. Começaram a aparecer os poemas sobre artistas e as prosas de arte que, além de terem saído nos Retratos relâmpagos (...) encontraram publicação póstuma no livro português A invenção do finito. (MENDES, 2001:27)

Sobre a amizade com João Cabral vejamos o que diz Maria da Saudade Cortesão Mendes:

A amizade de Murilo por João Cabral data do ano longínquo em que este chegou ao Rio e, pálido, emocionado, foi visitar o poeta mais velho que tanto admirava.

É nesta admiração, desde sempre mútua, que o relacionamento entre ambos, segundo creio, tinha os alicerces mais fundos. As suas afinidades intelectuais eram muitas, e Murilo as enumera (bem como as divergências que os separavam) no seu “Murilograma a João Cabral de Melo Neto”, onde se refere ao “fértil convívio/e ritmo alternado recíproco” entre eles. Mas o que acima de tudo os unia era o seu comum amor pela poesia. Para Murilo, ela era a própria vida – “Viver a poesia é muito mais necessário e importante do que escrevê-la (...)”⁴

Como se nota as duas mulheres que compartilharam mais prolongadamente a vida com Murilo, a partir de sua maturidade, sublinham a amizade como fator fundamental não apenas pelo lado afetivo - intimista, mas também (ou principalmente) pelo aspecto de vida para fora de

⁴ *Cadernos de literatura brasileira*. João Cabral de Melo Neto. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1996.

si, para o mundo, para o outro. Vida pública capaz de se transformar em performance poética mantendo a perspectiva do mundo , no sentido de Hanna Arendt, sublinhado por Ortega.

No entanto, o próprio Murilo afirma na entrevista citada aqui: "...nunca tive instinto gregário, o que sempre me impediu de fazer parte de qualquer grupo " e, em outra entrevista, dessa vez, a Leo Gilson Ribeiro: "Hoje, chegando a essa idade, eu acho o catolicismo e o cristianismo em geral quase impraticáveis (...) porque Cristo nos pede o máximo (...) "Amai-vos uns aos outros", o Cristo é terrível!" (MENDES, 2001: p.124))

Essa dificuldade de integração com o outro, essa quase aporia nas relações de sociabilidade e até, por que não dizer, nas relações de amizade , esse distanciamento assumido pelo poeta, a uma primeira vista, contradiz o depoimento de Maria da Saudade Cortesão Mendes e de Luciana Stegagno Picchio.

O mesmo problema da dificuldade comunicativa se faz presente nos primeiros livros de poesia, com a recusa do ideal do amor universal: "Não quero o amor universal" ("Vocação"), com a sensação de solidude: "Talvez da lua te ouçam/ Que saudade do futuro" (Mundo estrangeiro), com a abdicação de todo impulso: "Morro de esperar a morte" ("Memória"), enfim, com a rejeição crua da idéia de comunhão: "Tenho pena dos poetas futuros/que se integrarão na comunidade dos homens" ("Meu duplo") e "Da penitenciária dos homens me fazem sinais./Quase ninguém existe!" ("Segunda natureza")

Este estado de coisas, essa herança modernista da recusa de integração no mundo e com o outro da qual falava Merquior no artigo citado aqui não vai se manter desse jeito em Murilo Mendes. A sua carga de utopia, a sua vocação para juntar a fantasia com a realidade terminam por resolver dialeticamente o impasse entre o mal-estar em relação ao outro/mundo e o desejo de estar no mundo politicamente, na dimensão de Arendt/Ortega.

Principalmente nos livros em prosa como *Retratos -relâmpago e a Invenção do finito*, observaremos dois pontos importantes para apreender a sofisticada posição da poesia muriliana a respeito das práticas poéticas e de amizade. O primeiro é o da invenção como antídoto para a alienação da vida; o segundo é a pressuposição de formas específicas de amizade, que não se apóiam no gregarismo e na intimidade, mas que abrem para a política no sentido anteriormente definido aqui: o voltar-se para fora de si.

Os dois pontos interligam-se, a concepção de amizade política não se entende fora do âmbito da invenção. Como o que se vê no retrato de Joan Miró, "calígrafo criador de signos, invencível inventor". Miró, na opinião de Murilo, "escapa às etiquetas" e "sabe que o mundo através de seus sistemas gastos impede por exemplo o pássaro de telegrafar à pedra: impede as estrelas do jogarem aos dados; a formiga de pedir a palavra; um cachorro de puxar aquela moça por um cordel." (MENDES, 1994 : 1275)

Sobre o dramaturgo belga Michel de Ghelderode, outro retratado em *Retratos-relâmpagos* Murilo, sem esconder sua admiração, afirma que: "...este solitário como foi por todos definido, é em última análise um 'comunicante', um participante próximo da aventura humana."

Sobre Ghelderode, destaca ainda o silêncio e a lentidão: "Fala devagar, sottovocce, com longas pausas de silêncio. Como sei ouvir, cria-se o contacto." (MENDES, 1994 : 1230)

Este exemplo sustentaria uma amizade intelectual, reinventada, pautada não na loquacidade, nas afinidades, mas nas pausas, no estranhamento. É preciso para este tipo de contato "saber ouvir", isto é, é preciso civilidade, desprendimento, altruísmo. É preciso disposição para a aprendizagem.

Sobre esse ponto lembremos Deleuze, quando reivindica práticas de silêncio e de audição: "o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes

vacúolos de solidão e de silêncio, a partir dos quais elas teriam enfim algo a dizer" (ORTEGA, 2000 : 111)

Amizade e perda: as aporias, as invenções

O amigo de Murilo Mendes foi Ismael Nery, não o único, mas o amigo. O próprio Murilo, conforme conta Manuel Bandeira, assinalou o seu conhecimento de Ismael em 1921 como um dos três fatos capitais de sua existência, ao lado da passagem do Cometa de Halley (1910) e a dança de Nijinski (1916). (MENDES, 1994 : 35)

O belo poema homônimo que Murilo dedica ao amigo morto no livro *Tempo e eternidade* nos moldes do poema - epitáfio, na linhagem de Cícero, elogia o amigo morto e projeta a amizade para um além-morte: "Eras sábio, vidente, harmonioso e forte"(...) / "Também eu passei com ele/ Sob as arcadas do templo e à beira do mar."

Ortega, comentando Derrida, tenta compreender a lógica do epitáfio. Haveria uma apropriação narcísica do amigo nesse discurso que se faz para "manter o Outro em mim", na medida que a minha existência (como sujeito do discurso de saudade) impede o desaparecimento do Outro, antes o reduz a mim: "amar o amigo supõe o compromisso de amá-lo além da vida ou da morte. A amizade seria a possibilidade de me citar exemplarmente - pois o amigo é uma imagem (exemplar) de mim, uma cópia de mim.(...) " (ORTEGA, 2000 : 69)

Ao comentar a tradição ocidental (de Platão, Aristóteles, Cícero, Agostinho, Montaigne e Michelet) que teria toda ela associado a amizade ao discurso do epitáfio, Ortega pergunta? "Existe amizade sem luto, sem epitáfio? Possivelmente, não. O conhecimento de minha condição mortal e a de meu amigo o assina de antemão. Não há amizade sem finitude e sem epitáfio." (ORTEGA, 2000 : 70)

Conseqüentemente podemos deduzir que não há discurso de amizade sem a redução do Outro ao Mesmo. Esta é uma aporia do discurso da amizade e do epitáfio que é preciso reconhecer.

No caso de Murilo Mendes o poema dedicado a Ismael Nery pode ser entendido como epitáfio, mas também pode ser lido dentro das questões concernentes aos dois pontos dessa poética que levantamos aqui: a invenção e a amizade intelectual e política.

Ismael é um inventor: "Também eu vi aquele/que vem precedendo a nova era (...) A sabedoria se manifestava pelos seus lábios/ *E a plenitude da arte pelas suas mãos.*" (grifo nosso). No entanto, falta nos homens em geral a compreensão da novidade, pois ainda é preciso aprender a ver ao novo: "O homem não recebendo sua mensagem,/A eternidade impaciente o reclamou." O poeta, como vimos nas entrevistas deve participar da missão de ensinar a recepção. Este é o sentido político e diferencial do discurso da amizade em Murilo Mendes.

Para o seu próprio epitáfio propôs: *Amò prima di tutto la libertà / la donna/ il dialogo/ la musica / la galassie / la pietra ovale / il teatro fuori del teatro. (...) Cercò sempre di abbinare/ ragione e fantasia. ("Epitaffio")*

Como se pode ver, Murilo Mendes acolhe o múltiplo, propõe o lúdico (o teatro fora do teatro) e experimenta formas novas de viver e criar sem perder a dimensão de homem do mundo que o marca como um poeta modernista não totalmente integrado aos padrões da modernidade ocidental.